

querer doutrinar; ele tem respeito pelo que costumava ser chamado “os leitores gerais” que, apesar de tudo, ainda existe. Ele acredita que ter ao lhe serem dados os factos – e não existe maior distribuidor de factos vivo hoje do que ele – uma pessoa razoável iria alcançar conclusões moralmente defensáveis e inteligentes. Num sentido é uma das bases da civilização, cuja defesa é a preocupação de tantos livros de Martin. Está no cerne do conceitos judaico-cristãos de debate livre e de interacção livre de ideias, aos quais Martin dedicou talvez a mais activa (seguramente em termos de número de livros publicados) vida intelectual de qualquer historiador de primeira linha.

O judaísmo de Martin é uma parte vital da sua vida e trabalho, que surge tão poderosamente nos seus livros sobre o Holocausto. Neles, o leitor é capaz de sentir os males horríveis do totalitarismo sem os mencionar em voz alta de forma gratuita ou condescendente. A

humanidade pura dos livros de Martin emerge directamente da sua celebração e compromisso permanente dos valores judaico-cristãos. Onde quer que pudessem encontrar exemplos de pessoas a agir decentemente, mesmo nas menos promissoras circunstâncias, ele garantia que essas histórias seriam contadas.

A cronologia é evidentemente central para a sua biografia oficial de Churchill. Tal como Martin me explicou quando o conheci pela primeira vez – quando eu estava a escrever uma biografia do Lord Halifax nos finais dos anos 80 – é apenas tentando descobrir o que Churchill sabia em qualquer momento exacto que poderia ser possível julgá-lo, e isso poderia apenas ser alcançado através do domínio da, por vezes massivamente complexa, cronologia da sua vida e carreira.

Este é o motivo pelo qual Martin criou o vasto sistema cartão-índice registando cronologicamente e virtualmente cada dia da vida de Churchill. Quem sabia o

quê, quando e como agiram com base na informação é a própria matéria da história; apenas através dela pode o que Churchill chamava “o grave inquérito da história” ser julgado de forma justa.

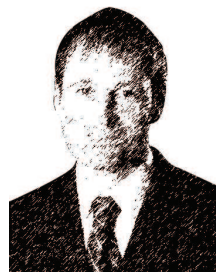
É ainda o motivo pelo qual Martin foi também uma boa escolha como membro da Comissão de Inquérito de Sir John Chilcot à guerra do Iraque. Aqui Martin estava no serviço à nação tanto quanto qualquer um dos heróis sobre os quais escreveu nos seus livros sobre as duas guerras mundiais.

Um gigante da historiografia que rejeita as abordagens modernistas e se mantém fiel à cronologia, à narrativa e às melhores práticas da sua profissão; um trabalhador Stakhanovite no simples número de obras publicadas, cada uma das quais de elevada qualidade; um verdadeiro crente na superioridade dos valores judaico-cristãos em relação ao totalitarismo; um amigo que ajudaria sempre os seus companheiros historiadores, por mais juniores que fossem. Este é Sir Martin Gilbert. ■

“Cosmos a partir do Caos”: Gilbert como Arquivista

O meu primeiro encontro sério com o trabalho de Martin Gilbert foi em 1955, quando consegui uma entrevista para o posto de Arquivista/Funcionário de Exibições do *Churchill Archives Centre*, um de uma equipa que trabalhava nos *Churchill Papers*, agora garantidos para a nação britânica com a ajuda do *Heritage Lottery Funding*.

Foi um projecto assustador, que se tornou pior pelo facto de eu não ter lido nada sobre história do século XX desde a universidade. Como preparação li primeiro o clássico de Sir Martin, *In Search of Churchill*. Isso valeu-me provavelmente o trabalho, pelo que não é surpreendente que se mantenha como um dos meus favoritos pessoais. Contudo, é também um texto muito de arqui-



POR
**Allen
Packwood**

Director do *Churchill Archives*, *Churchill College Cambridge*

vista. Porque descreve como Sir Martin definiu a enorme tarefa de investigar e trabalhar através dos seus materiais de fontes primárias, de seguir o rasto a papéis e de dirigir histórias orais para criar o seu próprio arquivo Churchill juntamente com os *Churchill Papers*.

Uma década depois e tive o prazer que me fosse mostrado o arquivo Gilbert pelo próprio Sir Martin. Ocupava a maior parte da sua casa e transbordava



para um escritório perto. Mas não havia sinais de caos. Tudo estava perfeitamente arquivado em dossiers ordenados e organizados por tema. Aqui estavam os seus documentos de trabalho para os vitais *Companion Volumes*, agrupados por ano, mês, semana e mesmo dia; fotocópias de documentos chave trazidos de arquivos diversos; transcrições e comentários. Aqui também estavam os seus documentos de correspondência, organizados de forma alfabética por correspondente, com títulos como “Jock Colville”, dando indicações tentadoras sobre os tesouros que continham. Foi imediatamente claro para mim que Sir Martin era um catalogador nato.

Todos sabemos que o mundo tem para com ele uma enorme dívida relativamente à sua sabedoria. Mas o que é menos bem conhecido é que por algum tempo, ele foi o de facto guardião dos *Churchill Papers*. Depois da morte de Randolph Churchill, e até a sua transferência para



Martin sempre foi tão meticuloso nas suas organizações como era generoso com o seu conhecimento

o *Churchill Archives Centre* construído para o propósito, os documentos de Sir Winston foram temporariamente mantidos na Biblioteca Boldeian – onde recaiu sobre o jovem Martin Gilbert do Merton College a responsabilidade de mantê-los seguros e em ordem.

É frequente dizer-se que existem dois

tipos de arquivistas; aqueles que desejam continuar com a catalogação, trazendo ordem do caos; e aqueles que procuram envolver-se com um público mais vasto respondendo a questões e ajudando os outros. Para ser justo, estes são estereótipos, e até um certo ponto a maioria dos arquivistas desfruta de ambas as actividades. Martin sempre foi tão meticuloso nas suas organizações como era generoso com o seu conhecimento. Quer respondendo a um eminente colega, a um membro profissional do *Churchill Archives Centre*, a um investigador entusiasta dos antepassados de Lady Randolph, ou a um estudante a desenvolver um projecto de escola, ele ofereceria sempre ajuda, dando conselhos com bondade, paciência e encorajamento.

Não sei se Martin alguma vez se considerou a ele próprio como arquivista. Todavia, nas suas viagens e no âmbito da sua pesquisa, ele terá certamente visitado mais arquivos do que qualquer um de nós será capaz de nomear. Mais do que isto, o seu trabalho sempre se baseou em fontes originais – e ele faz mais do que muito para realçar o valor dos documentos e para promover a sua importância no nosso entendimento e interpretação do passado recente.

Para ilustrar isto, olhei para a fila de volumes que compõem o *The Churchill Documents* na sua mais recente encarnação pelo Hillsdale College Press. Se combinarmos a contagem de páginas dos volumes entre o 6 e o 16 – aqueles que foram directamente editados por Martin – alcançamos o espantoso total de 15.130 páginas de transcrições selecionadas e indexadas. Se juntarmos os dois volumes de narrativa de Randolph Churchill e os cinco volumes de documento, produzidos com a ajuda de toda a equipa de Randolph, e o volume 17 de 1972, recentemente publicado pelo Hillsdale, temos mais 2942 páginas, fazendo assim um total de 18.072. Este talvez seja um exercício de contagem pedante, e ao embarcar nele talvez esteja a personificar algum estereótipo de arquivista. Mas eu penso que nos dá uma ideia da escala do homem e dos seus feitos.

Martin sabes que quando Sir Winston Churchill mostrou ao seu primeiro arquivista, Denis Kelly, a sala de munição em Chartwell, disse a Denis: “A tua tarefa, meu rapaz, é fazer Cosmos a partir do Caos”. Martin Gilbert faz disto o seu trabalho de vida. ■